

Em carne viva: Um diálogo imaginário com Dyonélio Machado

*Francisco Carlos dos Santos Filho**

*Dóris M. Wittmann dos Santos***

Resumen

El trabajo ofrece conceptos psicoanalíticos que contribuyen en el problema de la memoria y su resignificación. La exigencia del hablar, narrar las memorias y los acontecimientos reales o fantaseados sirve para recrear lo vivenciado y transformarlo, agitando las huellas que quedan en el alma y producir efectos de sentido. Los fragmentos de las huellas depositadas por lo real vivenciado – cicatrices y vestigios – son carne viva: retornan y se imponen como urgencia que obliga al sujeto al trabajo psíquico de cercarlos con la palabra y otorgarles significado para que se conviertan en memoria y sentimiento. Seguimos a Dyonélio Machado en su libro de memorias “O cheiro de coisa viva” y en la novela “O louco do Cati” para, imaginando una charla con él, llegar a comprender el discurso y la escritura como recursos posibles para la elaboración de los contenidos traumáticos ubicados en el punto de cruce de la vida y de la muerte.

Abstract

This paper presents psychoanalytical concepts aiming to contribute in the study of the memory subject and its resignification. The demanding of reading and writing, narrating memories and imaginary of fantasized experiences, is related to being able to recreate the experiences and transform them, dealing with the traces left in our souls in order to produce new meanings. The memory is not in a fixed state, made out of clear and historically contextualized memories. Fragments left by the lived experience – scars, traces, vestiges – are in the

* *Psicólogo, Mestre em Teoria e Técnica de Investigação do Aparelho Mental. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Rua Eduardo de Britto 1076, Passo Fundo, RS, Brasil. CEP 99025-060 - E-mail: franciscosantos@superig.com.br*

** *Psicóloga. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Rua Eduardo de Britto 1076, Passo Fundo, RS, Brasil. CEP 99025-060 - E mail: dorissantos@superig.com.br*

flesh: they come back and impose themselves as urgencies which constrain the individual to the psychic work of speaking, surrounding them with the words and give them meaning, transforming them in memories and feelings. In according to Dyonélio Machado in his memories and in his book “O Louco do Cati” (The crazy man from the Cati), we propose the spoken and written speech as a resource to elaborate traumatic contents situated in between the dialectic intersection of life and death.

*“Quero ser a cicatriz risonha e
corrosiva
Marcada a frio, a
ferro e fogo
Em
carne viva”*
(Tatuagem – Chico
Buarque)

Em carne viva – inscrição, memória, sujeito

O autor que vos apresentaremos nesse trabalho foi um homem de fronteira. Médico psiquiatra, escritor e político, Dyonélio Machado transitou entre a ciência, a arte e o compromisso social, caracterizando-se como um intelectual ativo tanto no meio literário - escritor conhecido e premiado - como no meio científico. Traduziu, em 1934, “Elementos de psicanálise”, de Edoardo Weiss, primeira obra psicanalítica para o português. É dele uma das primeiras traduções de “O mal estar na cultura” para o português. Além disso, Dyonélio nasceu na fronteira entre dois países – Uruguai e Brasil - em Quarai, o que representa, de modo simbólico, a presença de nosso trabalho nessa Revista.

Nossa proposta é acompanhar Dyonélio Machado em “O cheiro de coisa viva”, seu livro de memórias, e no romance ‘O louco do Cati’, para entender, através de um diálogo imaginário com ele, que o discurso falado ou escrito –o relato de uma sessão de análise, uma obra literária – são formas possíveis para tentar elaborar conteúdos traumáticos profundos e que se encontram no seio da encruzilhada dialética da vida e da morte.

Quantas vezes escutamos, dentro e fora de nossos consultórios, questionamentos que lançam dúvidas sobre a força de recomposição simbólica das palavras: vala a pena falar? Como isso poderia me ajudar? Da mesma forma, seria válido nos perguntarmos: porque alguém precisa escrever? Porque um autor resolve escrever suas memórias? A urgência que leva a de escrever ou mesmo falar, narrar memórias e acontecimentos se liga ao fato de poder recriar, por esse meio, os acontecimentos vividos e transformá-los, mexer com os rastros deixados n’alma e, com isso, produzir efeitos de sentido. Contudo, os fragmentos das marcas deixadas pela experiência vivida, essas cicatrizes, traços e vestígios, são carne viva: retornam e se impõem como exigência que obriga o sujeito a falar, tentar cercá-los com a palavra e outorgar-lhes sentido e

significado - simbolizar, dizemos - para que se convertam em memória e sentimento. Mais do que aceitar a continuidade de uma história, é preciso fazer trabalhar seus cortes e forçar rupturas. São eles que revelam, por entre as frestas e fissuras, a origem profunda do material. Por essa mesma razão, em nossos recortes de um discurso ou de um texto, importa-nos mais aquilo que contrasta, que é heterogêneo em relação à unicidade e integração intencionalmente apresentadas, aquilo que é diverso. É um tipo de intertextualidade na qual o texto manifesto e coerente, pelas chagas que exhibe, deixa purgar um outro texto, o texto sujo e impuro, que vem cravejado de pepitas da verdade inconsciente.

Partimos da hipótese de que a memória não se dá de forma pronta e completa, através de lembranças claras de cenas inteiras, que se fazem acompanhar de sentimentos nítidos e contextualizados historicamente. Um processo como esse – que é o que corriqueiramente conhecemos por memória - só pode ser uma construção, resultado de trabalho psíquico. Laplanche (2001) indica que, para Freud, a memória se deposita na forma de traços, de signos, em diversos sistemas que se assemelham a arquivos mnésicos. Esses traços são inscrições que se realizam desde os primeiros tempos de vida, e que não se assemelham a percepções exatas, correspondendo muito mais a atributos e detalhes que designam apenas indícios daquilo que foi vivido. De direito, todas as lembranças estariam inscritas, mas seu reaparecimento dependerá da maneira como serão investidas, desinvestidas e contra-investidas.

Na carta 52, Freud (1896) defendeu a hipótese de que nosso psiquismo é formado por uma espécie de estratificação “O material presente em forma de traços da memória”, comenta Freud, “estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias — a uma retranscrição”. A novidade apontada pelo autor é a tese de que a memória “não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações”. Acentua ainda o fato de que “os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida”. O modelo proposto por Freud, conhecido como modelo tradutivo, sugere que o material psíquico sofre novos arranjos sucessivamente, toda vez e sempre que o sujeito se vê obrigado a abordá-lo por alguma forma de trabalho psíquico. O conceito de ressignificação posterior vem complementar esse modelo da memória. Para Laplanche (2001) ele trata do problema da temporalidade e da causalidade dos fatos psíquicos. Impressões e traços mnésicos são ulteriormente remodelados em função de experiências novas pertencentes a outro grau de desenvolvimento. Um acontecimento mais tardio na vida pode vir, portanto, a conferir sentido a um outro anterior, até então não significado pelo sujeito. Da mesma forma, vivências posteriores poderão reordenar e transformar o sentido de experiências antigas através de novas configurações do material psíquico.

Em “Lembranças Encobridoras”, Freud (1899) observa que as recordações têm a ver com a memória e com a história de experiências singulares que um sujeito carrega. Essas memórias, contudo, são sempre encobridoras porque estão atravessadas pelos processos defensivos. A deformação é, então, peça importante da memória e se manifesta nitidamente - no trabalho do sonho, por exemplo, quando da ação da censura - através dos dois princípios básicos do funcionamento inconsciente, o deslocamento e a condensação. É através destes processos que se deixam entrever os conteúdos censurados do inconsciente.

Freud (1895) constrói, em “Psicologia para Neurólogos”, uma teoria sobre a constituição e a retenção dos traços mnêmicos que irão formar os atributos dos objetos do Inconsciente. Essas marcas possuem caráter móvel e variável, possibilitando movimentos de composição e recomposição das lembranças. No princípio são indícios, traços, restos de vivências que se ordenariam em torno de uma determinada experiência para formar as “coisas” do Inconsciente – “Das Ding”. A “coisa do mundo em si” de fora não é o mesmo que a “representação da coisa” dentro. Dentre esses primeiros ordenamentos, que constituem as bases do Inconsciente, alguns sofrerão uma modificação mais profunda que é a possibilidade de serem transpostas e associadas à palavra.

O desejo é sempre articulado no tempo presente - atemporalidade do inconsciente- e daí a possibilidade do estabelecimento de novas nuances e formas de ligação que mobilizam conteúdos muito antigos e esquecidos através das facilitações e caminhos construídos pelas vivências de satisfação e de dor que serão reativados. Desse modo, tudo o que ingressa no psiquismo vai reativar alguma experiência prévia.

Alguns desses acontecimentos vividos representam situações de tão grande intensidade que seu afluxo excitatório torna-se maior do que a capacidade que o sujeito possui para processá-lo. É no traumatismo que as formas simbólicas ou diretas de violência operam e produzem seus efeitos, carregando sempre a marca do excesso. Assim, os signos relativos a situações de tal intensidade, transformados em inscrições, em marcas mnêmicas, irão se impor ao sujeito como uma exigência de falar, expresar e significar sua experiência. Fazem, portanto, essas marcas vivas da vida, seu retorno diversas vezes, como cicatrizes sempre presentes. A dor está na base, por assim dizer, da constituição dessas marcas.

Para Ricardo Bernardi (1995), o problema da construção da história em psicanálise nunca foi uma questão fácil de formular. O autor aponta que existem, em Freud, pelo menos três modos de relação temporal: a) Um modelo de desenvolvimento temporal no qual o anterior determina o posterior, mesmo que existam, entre esses tempos diversos, latências e mudanças de nível; b) O modelo da posterioridade, ou seja, quando um acontecimento anterior adquire novo significado e eficácia psíquica posteriormente, em razão que se modifica ao formar parte de um novo contexto, e c) O fenômeno da fantasia retrospectiva, que leva a atribuir a um momento anterior algo que, na verdade, ocorreu depois. Um exemplo disso é a lembrança encobridora. Freud não via contradição entre esses modelos, mas os autores que o seguiram acabaram por tomar preferencialmente a um ou outro deles. A mais fecunda, para o espírito deste trabalho, é a da posterioridade.

Reelaborar, ressignificar e historizar - ouvindo

Dyonélio:

Médico psiquiatra, escritor e político, Dyonélio Machado nasceu em Quaraí, fronteira do Brasil com o Uruguai, em 21 de agosto de 1895. Muito próximo dali ocorreram as mais sangrentas execuções da Revolução Federalista de 1893, quando vários homens das forças dos liberais “maragatos” foram torturados e mortos –quase sempre por degola- a mando de João Francisco Pereira de Souza, general das forças federalistas, “os

chimangos”, comandadas por Júlio de Castilhos. O lugar das exceções: a prisão a céu aberto do Cati, em Santana do Livramento.

Como pessoa, como psiquiatra e como político, Dyonélio conheceu bem a loucura e força da violência exercida contra o ser humano. Sua mais tenra infância foi marcada por essa guerra, terminada dois dias depois de seu nascimento e carregada da memória sofrida da geração anterior, que havia vivido diretamente seus horrores. Sua mãe atravessa toda a gravidez em meio ao banho de sangue da “guerra suja”. Dyonélio nasce em meio ao pavor e ao medo: medo de morrer, medo de falar, medo de pensar. Nessa circunstância, alguém pode ser condenado por pensar algo que possa ir contra os interesses do “Estado”. O silêncio é a sentença de morte para aquele que virá, muitos anos mais tarde, a ser condenado pelo “delito de opinião”. Dyonélio foi residir em Porto Alegre com 17 anos e com 19 volta para Quaraí, retornando à Capital ao final da primeira Grande Guerra como jornalista. Casa-se em 1921 e somente depois que sua primeira filha nasceu, em 1922, ingressou na Faculdade de Medicina, concluída oito anos depois. Especializou-se em psiquiatria nos anos de 1930 e 1931 no Rio de Janeiro e fez parte da equipe do Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde trabalhou por trinta anos e conheceu a fundo um dos nefastos efeitos da violência psíquica – a loucura. Dyonélio foi intelectual ativo, tanto no meio literário, como escritor conhecido e premiado, como no meio científico. Traduziu, em 1934, a primeira obra psicanalítica para o português: “Elementos de psicanálise”, de Edoardo Weiss. É também dele as primeiras traduções de Freud para o português, com o “O mal estar na cultura”.

Político de pensamento lúcido e atitudes corajosas foi preso pela ditadura Vargas em julho de 1935. Presidente da Alianza Nacional Libertadora em Porto Alegre – frente popular ampla de defesa dos direitos das classes trabalhadoras – envolveu-se ativamente na greve dos Gráficos da Livrara do Globo e, em razão disso, conforme ele próprio conta, inaugurou a lei de Segurança Nacional em uma noite gelada e chuvosa do inverno porto-alegrense, detido na frente de casa por dois investigadores.

Com outros vinte e um presos, foi colocado em um navio e, depois de uma passagem incomunicável por Santos, enviado para o Rio de Janeiro. Após passar por alguns quartéis, terminou em um cubículo da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Seu crime: a opinião.

O romance “O louco do Cati”, publicado em 1942, foi escrito durante uma enfermidade relativamente séria na qual o escritor, restrito ao leito, ditava o texto à sua esposa. O protagonista da obra é um indivíduo permanentemente atormentado pelas recordações dos fatos que presenciou em Quaraí e também pelos casos de tortura e morte que ouvia contar de sua mãe e da população da cidade a respeito dos crimes ali cometidos por João Francisco e seus homens. Tamanho é o terror produzido nele por essas lembranças que perde seu equilíbrio mental. Conforme Barbosa (1994), o início da narrativa mostra o protagonista querendo apagar as lembranças das cenas horrendas que presenciara quando criança. Está em um bonde, em Porto Alegre, cidade onde fora morar desde menino. Ao final da linha do bonde se junta a um grupo e viaja em direção ao litoral gaúcho, com as lembranças a lhe surgirem cada vez com mais força. Nessa viagem ele vive, ao lado do ativista político e companheiro de viagem Norberto, situações de violência perpetradas pela repressão política do Estado Novo de Getúlio Vargas que o levam a confundir presente e passado. Norberto, valendo-se da companhia do Louco, despista a polícia e se separa do grupo, mas ambos acabam detidos no sul de Santa Catarina e são enviados para a prisão no Rio de Janeiro. Libertados, pasma

dificuldade extremas no Rio até que Norberto se livra do incômodo Louco embarcando-o em um navio que o leva à Santa Catarina. Dali, o Louco retorna à sua terra natal e chega novamente ao Cati.

Façamos um exercício de imaginação: o autor dialoga com um interlocutor/psicanalista – não necessariamente em situação de sessão – mas trocando idéias sobre suas memórias. Esse interlocutor/psicanalista “pensa alto” no texto e responde, quando possível, àquele que, através de trechos extraídos de seu livro de memórias, nos revela como e porque resolveu escrever esse livro e “O louco do Cati”, procurando tocar a profundidade e o teor dos conteúdos internos que se via compelido a revirar. Tudo começaria com Dyonélio tentando, a seu modo, um trabalho de despiste. Vejamos:

Dyonélio - “Uma vez encontrei o Graciliano – bem, a gente já havia se encontrado antes na prisão, não é? – (...). Alguns críticos estabelecem uma relação entre “Memórias do Cárcere” e “O Louco do Cati”. Cada um desses livros tem sua técnica: um são memórias do autor, outro, uma obra de ficção” (1982) (Machado, 1995, p.29).

Interlocutor - Queres com isso dizer que “O louco do Cati” não passa de um livro de ficção, sem nenhum pendor para tratar de memórias?

Dyonélio - “Jamais me imaginei sentado à maquina batendo as minhas memórias. É coisa que encerra dois elementos que eu abomino: a indiscrição e o exibicionismo. (...) O maior defeito num livro de memórias é também sua qualidade máxima: ser pessoal”. (Machado, 1995, p.98-99)”.

Interlocutor – Sim. Para que marcas vivas adquiram sentido exigem trabalho psíquico, um trabalho interno de tradução. É sua retranscrição em palavras que possibilita a conexão com os afetos que lhes correspondem e a ligação num contexto histórico das experiências de vida.

Dyonélio - “O Louco do Cati foi um desafio com a morte. Ou eu escrevia o livro ou morria. (...) Eu reagi contra a morte. O louco do Cati tem muito da experiência da prisão... utilizei minhas vivências nesse período, (...) não com o caráter memorialista, mas como elemento para a ficção. Não achei que fosse mais duradouro, não, porque não tinha nenhuma esperança, mas que seria melhor. Para mim, pelo menos”. (1981) (Machado, 1995, p.28).

Interlocutor – Nas memórias, a cada vez que contas sobre as circunstâncias em que este livro foi escrito, aparecem os sentimentos que cercam sua concepção. A prisão se faz presente uma e outra vez. Primeiro o Cati, lá em Livramento, depois tudo que ouviste desde menino sobre os “causos” e horrores dessa guerra. Mais tarde aquela que voltas a experimentar quando adulto e cujas circunstâncias guardam semelhanças com a do personagem Norberto, ativista político também. Haverá prisão maior do que aquela do enlouquecimento e da morte psíquica induzida pela proibição de falar? A do impedimento de expressar e representar para si mesmo os acontecimentos internos. Não a única forma de aproximar-se a experiências muito difíceis”.

Dyonélio - “Tudo quanto se vê nessa figura, ainda não é bastante para abominá-la. (...) ele foi menino, que teve pais. Mãe, sobretudo. Que viu horrores na infância, a servirem como elemento para um futuro mentecapto. (...) Aquele comportamento, algo desligado, longe e alheio a tudo, quis sugerir alguma crítica ao sistema político? De forma nenhuma.

Verdade poética, verdade histórica. São bem diferentes entre si.” (1981) (Machado, 1995, p.29)

Interlocutor – “A história arde. E a verdade poética é a narrativa que os seres humanos criam para dar conta dessa história. Ela recobre a verdade e a recria, representa e simboliza internamente, dando condições de elaborar o sofrimento. Narrar recria contextos e os modifica. Se um acontecimento histórico, em si, não se modifica, falar faz com que adquira novos significados na medida que forma parte de um novo contexto. Uma nova história – verdade poética - a partir das bases da velha história -verdade histórica”.

Dyonélio - “Esse livro ajudou a me curar. Para começar, estava prisioneiro: desta vez prisioneiro da cama. Rodeado de colegas bondosos, prestativos, com eletrocardiograma que afinava pelo que eu sentia. Numa situação dessas é muito fácil desesperar. Ou procurar uma sublimação do mal. Optei por esta última. Decidi, porém fazer, quanto à forma, um romancerevista”. (1982) (Machado, 1995, p.30).

Interlocutor – “conforto, amparo, a companhia dos amigos, assim é melhor de trabalhar aquilo que espeta por dentro”.

Dyonélio - “Eu era um doente impossibilitado de qualquer esforço físico”.

Interlocutor – “Ainda estava tudo ali. A cama e a prisão, prisioneiro mais uma vez. A imobilidade, a fragilidade física, sentimentos de desamparo muito profundos: “prisão”, “morte” e “loucura – o louco”. É escrever para não ficar preso, não morrer, não enlouquecer, para poder se curar. O meio é uma revista, uma nova visita aos recônditos que te dispões a explorar utilizando a ferramenta vital da palavra. Será essa uma mera questão de estilo ou é uma demanda imperiosa de revistar as memórias, re-apresentá-las, chafurdar no fundo de si mesmo para expurgar o desespero?”.

Dyonélio - “Está meio dramático, mas é certo. Eu já tinha tido um colapso periférico e ouvi o grito de minha mulher, que era igual ao grito das mulheres cujos maridos estavam morrendo. Eu como médico sabia disso”. (1982) (Machado, 1995, p.28).

Interlocutor – “Ficar em silêncio com respeito a todas essas feridas seria a sentença de morte”.

Dyonélio - “O Louco do Cati foi um desafio com a morte. Ou eu escrevia o livro ou morria. Eu reagi contra a morte. Mesmo meu ditado interrompia-se tão pronto eu dava mostras de sofrimento. Assim, a tarefa demandou tempo, paciência, e um entusiasmo discreto quando se esboçou uma melhora, anunciadora dum restabelecimento da saúde”. (1982) (Machado, 1995, p.29).

Tempo e paciência para a reconstrução da memória, para que os signos e traços possam ser enlaçados em uma configuração histórica com contexto temporal com qualidade afetiva, permitindo recuperar recordações, representações, outorgando-lhes significado. O autor mergulha em um processo ao longo do qual vai, em meio ao sofrimento que o empurra da imobilidade para a expressão escrita, colhendo resultados que recepciona com um entusiasmo discreto. Agora podemos nos remeter de novo à pergunta do início: talvez seja por isso que falar ajude e valha a pena. Dyonélio Machado - parece - pensavaque sim.

Referencias Bibliográficas

- BARBOSA, M. H. Saldanha. A paródia em o louco do Cati. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- BERNARDI, R. Memória, cuerpo e historia. IX jornadas de APU. Montevideu, setembro de 1995.
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1896). In Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v. V.1. Projeto para uma psicologia científica (1895). In Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v. V.1. Lembranças encobridoras (1899). In Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v. V.3. Escritores criativos e devaneios (1908). In Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v. V.9.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552p.
- MACHADO, D. O cheiro da coisa viva. Maria Zenilda GRAWUNDER (org). Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995